

A nova mentalidade

JORNAL DA TARDE

17 DEZ 1991

Bom Brasil

A profunda crise por que passa o País, apesar do sofrimento que impõe a todos, tem pelo menos um lado altamente positivo: está levando a uma mudança de mentalidade. Não nos círculos do poder, mas na sociedade, o que torna o fenômeno ainda mais importante. Primeiro, foi o início de negociações entre o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, representantes da indústria automobilística e a Secretaria Nacional de Economia, Dorothea Werneck, em busca de um acordo a partir de importantes concessões mútuas.

Agora, no final da semana passada, foi a vez da **Vigília Cívica contra a Recessão e o Desemprego**, convocada pelo mesmo Vicentinho, em São Bernardo, que reuniu algumas das mais importantes lideranças sindicais e empresárias de São Paulo. As dificuldades estão, finalmente, ensinando aos líderes sindicais e empresariais aquilo que há muito já é conhecido e praticado nos países desenvolvidos, isto é, que, apesar das divergências entre patrões e empregados, eles têm sólidos interesses em comum. As cenas de confraternização entre velhos adversários, vividas na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, seriam impensáveis há apenas dois anos. Ninguém se rendeu a ninguém, mas descobriu-se a existência de um vasto terreno de entendimento.

Enquanto o governo e o PMDB, numa espúria aliança, baseada na chantagem e outros ingredientes próprios da velha mentalidade que domina a política brasileira, tentam aprovar no Congresso novo aumento de impostos, para onerar ainda mais as empresas já exauridas, em troca da rolagem da monumental dívida (US\$ 57 bilhões) de Estados e municípios, perdulários, sindicalistas e empresários de São Paulo ensaiam um acordo que, este sim, poderá apontar o caminho para a superação da crise. Se os entendimentos entre patrões e empregados levarem à adoção aqui do modelo que já deu certo na Argenti-

na — margens de lucros menores, moderação das reivindicações salariais e redução de impostos —, a sociedade terá demonstrado que atingiu um nível de maturidade que permite alimentar a esperança de que o País tenha condições de sair das atuais dificuldades, mesmo que o governo continue tão ineficiente como sempre foi.

A orientação adotada por Vicentinho no caso das negociações com a indústria automobilística foi muito bem explicada por Paul Singer, secretário de Planejamento da Prefeitura de São Paulo e um dos mais importantes economistas do PT, em entrevista ao **Jornal da Tarde**. O objetivo não é mais repor perdas salariais, que as empresas não suportariam neste momento, mas “reverter o quadro de crise e garantir empregos”. A ideia é ir devagar, por meio de acordos por setor. “O fundamental é que o acordo seja bom para todos: se der certo em um setor, fica mais fácil estendê-lo aos demais.”

O clima de entendimento é o melhor possível, mas, ele só produzirá frutos se permanecer como nasceu; isto é, como iniciativa de uma sociedade que resolveu se organizar e cuidar de seus próprios problemas. Os políticos no poder, ou os que aspiram a ele, devem ser mantidos a distância. O mesmo vale para os que não resistem a dar um colorido ideológico à iniciativa, como o cardeal Arns, que durante a Vigília em São Bernardo forçou a mão e descobriu uma maneira de criticar o liberalismo. Sem falar no caso do presidente da CUT, Jair Meneguelli, que, superado pelos acontecimentos, voltou a propor — ele só consegue pensar nisto — uma “greve geral de protesto”.

Os líderes desse movimento, tanto do lado dos trabalhadores como dos empresários, têm a responsabilidade de evitar essas armadilhas e provar que a sociedade já amadureceu o suficiente para cuidar de seus assuntos, sem depender do governo ou dos políticos.